

Literatura amazônida *queer* olho de boto em discussão na educação

Queer amazon literature river dolphin's eye in discussion in the education

Luiz Ramiro Cruz Cardoso

Universidade Federal do Pará-UFPA
Cametá/Pa-Brasil

Gilcilene Dias da Costa

Universidade Federal do Pará-UFPA
Cametá/Pa-Brasil

Resumo

Este trabalho versou sobre espaço educacional e violência contra pessoas LGBTQIAPN+, enfoque em dois episódios de violência que envolvem gênero e sexualidade em ambiente escolar ocorridos contra um dos pesquisadores. A partir dos episódios de violência se agenciou uma apresentação e discussão com a obra *Olho de Boto* (2015), do escritor paraense Salomão Laredo, que relata a união entre dois homens no interior do Pará na comunidade de Inacha, no município de Cametá, que também sofreram violência devido sua orientação sexual. Assim, utiliza-se a Literatura para discutir o tema da violência em espaço educacional. A teorização a respeito deste tipo de ataque ao sujeito dissidente é fomentada por Butler (2003) e Miskolci (2012) na Teoria *Queer* e seu Dictério Curupirinha. A metodologia utilizada foi cartografia, segundo Deleuze e Guattari (1995). Portanto, discute-se os episódios de violência e apresenta-se o livro *Olho de Boto* para dinamizar as reflexões nos espaços educacionais.

Palavras-chaves: Educação e Literatura; Violência de Gênero e Sexualidade; *Olho de Boto*.

Abstract

This work focused on educational space and violence against LGBTQIAPN+ people, focusing on two episodes of violence involving gender and sexuality in a school environment that occurred against one of the researchers. Based on the episodes of violence, a presentation and discussion was organized with the work *Olho de Boto* (2015), by the Pará writer Salomão Laredo, which reports on the union between two men in the interior of Pará in the community of Inacha, in the municipality of Cametá, which They also suffered violence due to their sexual orientation. Thus, Literature is used to discuss the topic of violence in an educational space. Theorization regarding this type of attack on the dissident subject is encouraged by Butler (2003) and Miskolci (2012) in *Queer Theory* and its *Curupirinha Dictério*. The methodology used was cartography, according to Deleuze and Guattari (1995). Therefore, episodes of violence are discussed and the book *Olho de Boto* is presented to stimulate reflections in educational spaces.

Keywords: Education and Literature; Violence of Gender and Sexuality; *River Dolphin's Eye*.

Introdução

O espaço escolar é um lugar atravessado por ideologias, destaca-se aqui as questões de gênero e sexualidade, direcionado ao modelo heterossexual. Pessoas dissidentes, inúmeras vezes são experienciadas como abjetas pela comunidade escolar; ambiente, em que ainda, prevalece o heterossexismo (Miskolci, 2012), conceito que presume que todos são heterossexuais.

Nesse contexto, para promover reflexões, trago para o debate o livro de Salomão Laredo, escritor paraense-cametaense, *Olho de Boto* (2015), inspirado no factual casamento homoafetivos ocorrido na comunidade quilombola de Inacha, interior do Município de Cametá-PA. Além disso, para auxiliar esse processo, utilizou-se a Teoria *Queer*, que tenciona o modelo heterossexual, e, discute paradigmas comportamentais fora do heterocentrismo. A pesquisa seguiu a perspectiva da Cartografia Deleuziana (1995), como afirmam os autores Passos, Kastrup & Escóssia (2009, p. 17) acerca desta metodologia:

A Cartografia como método de pesquisa-intervenção pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas nem com objetivos previamente estabelecidos. No entanto, não se trata de uma ação sem direção, já que a cartografia reverte o sentido tradicional de método sem abrir mão da orientação do percurso da pesquisa.

Na construção deste trabalho, utilizou-se algumas das vivências de um dos autores, Luiz Ramiro da Cruz Cardoso¹⁹, inserido desde os 05 anos no interior de Cametá, em escolas ribeirinhas ou correlatas aos povos tradicionais amazônidas, situações ocorridas no Ensino Fundamental e Médio no mesmo lugar. Ele, como pessoa LGBTQIANP+ (Lésbica, Gay, Bissexuais, Transexuais, Travesti, Intersexo, Assexual, Não-binária e Pansexual, Polisssexual, Pomossexual e outras sexualidades), inserimos neste debate a partir de dois episódios de violência que fazem conexões com as violências presentes na obra *Olho de Boto* (2015).

Vale mensurar que o relato advém de um homem cisgênero, Pomossexual²⁰, negro (pardo) e corpo masculino dissidente. Ele se batiza nesta pesquisa como “Curupirinha”, termo cunhado pela artista paraense Mc Pokaroupas²¹, que ora faz agenciamento com Teoria *Queer*, ora um deboche epistemológico como amazônida.

O trabalho de Richard Miskolci *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças* (2012) utiliza trecho de suas vivências para exemplificar as manifestações heterossexuais no

¹⁹Doravante tratado no texto pelo sobrenome: Cardoso.

²⁰ Pomossexual é utilizado para descrever indivíduos que evitam classificar a sua orientação sexual através de um rótulo específico como hétero, homo ou bissexual, sendo assim rejeitam uma identidade sexual.

²¹ Artista, 27 anos, é natural de Capanema, PA. Começou sua carreira musical independente em 2018 com a música “Atropelo”.

comportamento escolar no final da década de 70, período ditatorial. Visto que a obra ficcional *Olho de Boto* (2015) relata as violências contra corpos dissidentes homossexuais masculinos. As discussões sobre violência em espaço escolar, no interior da Amazônia, demonstram persistência pelos dois breves relatos pessoais trazidos por um dos autores.

O debate adentrou pela questão da “Curupiranhafobia²²/Queerfobia” e discussão com obras LGBTQIANP+ que podem melhorar o espaço escolar a partir do diálogo sobre questões relacionadas a gênero e sexualidade, tendo também como base para este debate algumas obras literárias.

A escolha do livro para esta discussão diz respeito a conexão com a temática em voga, pois a obra literária foi inspirada no fato de dois homens desafiarem a sociedade para se casar, no entanto, são perpetradas violência em uma época de Ditadura Civil-militar (1964-1985).

Tanto a Literatura, quanto o relato de Miskolci (2012) do final da década de 70 e, de Cardoso, nas duas primeiras décadas do século XIX, se conectam entre si. Exibem memórias em que o ambiente escolar pode ser agressivo e perpetrador de violência. Nesse ambiente, se reproduz a ideia de heterocentrismo, heterossexualidade compulsória e heteronormatividade segundo Miskolci (2012, p. 43-44):

Heterossexismo é a pressuposição de que todos são ou deveriam ser heterossexuais. Um exemplo de heterossexismo está nos materiais didáticos que mostram apenas casais formados por um homem e uma mulher. A heterossexualidade compulsória é a imposição como modelo dessas relações amorosas ou sexuais entre pessoas do sexo oposto. Ela se expressa, frequentemente, de forma indireta, por exemplo, por meio da disseminação escolar, mas também midiática, apenas nas imagens de casais heterossexuais. Isso relega à invisibilidade os casais formados por dois homens ou duas mulheres. A heteronormatividade é a ordem sexual do presente, fundada no modelo heterossexual, familiar e reprodutivo. Ela se impõe por meio da violência simbólicas e físicas dirigidas principalmente a quem rompe normas de gênero. Em outras palavras, heterossexismo, heterossexualidade compulsória e heteronormatividade são três coisas diferentes, conceitos importantes que nos auxiliam a compreender a hegemonia cultural hétero em diferentes dimensões.

A teoria *Queer* e o dictério Curupiranha

As discussões teóricas desta pesquisa agenciaram com a Teoria *Queer*, que surgiu nos Estados Unidos no final dos anos 80, e que visou eclodir, pesquisar e discutir sexualidades e gênero que estavam além do espectro da heteronormatividade.

Bem como, a obra em discussão *Olho de Boto* (2015) constrói linhas de fugas para Literatura *Queer* em debate com a sociedade e pode estar atrelada ao escolar. E sobre a discussão a partir da categoria *Queer*, a mesma se apresenta conforme Miskolci (2012, p. 25):

²²Termo a ser explicado adiante.

O movimento homossexual apontava para adaptar os homossexuais às demandas sociais, para incorporá-los socialmente, os queer preferiam enfrentar o desafio de mudar a sociedade de forma que ela lhe seja aceitável. Enquanto o movimento mais antigo defendia a homossexualidade aceitando os valores hegemônicos, os queer criticavam esses valores, mostrando como eles engendram as experiências da abjeção, da vergonha, do estigma.

Contudo, o debate no interior da Amazônia questiona até onde são significativas, teorias que orientam nosso trabalho de educador? E, se podemos repensar a potência do *Queer*, forte em contexto anglófono, para aplicá-lo à nossa realidade? A estranheza do termo em inglês assemelha-se ao termo Curupirinha, que estranha a heteronormatividade, mas nos liga as linhas de fuga com a corporeidade amazônica.

Queer significa “estranho” ou “esquisito”, termo que faz sentido apenas no contexto anglófono ou para pessoas brasileiras elitizadas, visando que apenas 5% dos brasileiros têm domínio da língua inglesa. Como afirmam os autores sobre repensar o termo *Queer* por Curupirinha, Sena; Borges (2021, p. 17):

Sem pretensão alguma de desconsiderar os importantes contributos do movimento Queer ocidental/global para as demandas locais, pretendemos reforçar esse lugar político, mas a partir de um repertório que faça sentido para nós e nos ajude nas nossas lutas. O Queer não faz sentido para nós amazônicas desta porção atlântica. Concordando com a observação de Bento (2017, p. 257) sobre a importância dos nomes, reforçamos as palavras de Malene Mayar, por ela citada: “as palavras me constituem, por isso não posso ser queer”. Se o Queer é uma injúria e por isso seu efeito é forte quando usado subversivamente no contexto anglófono, então se torna mais produtivo o uso de outros modos de nomear. É assim que curupirinha enfatiza nossa experiência territorial-local, levando, inclusive, a integrar a letra “C” de curupirinha na identidade do coletivo LGBTCI+ de Bragança do Pará, em substituição ao “Q” de queer.

Então, trata-se não de uma teoria e muito menos a negação da Teoria *Queer*, mas um processo de dissidência amazônica que configura aproveitar tudo que contribua para o processo de conhecimento de gênero e sexualidade fornecido pelo Norte global, enquanto Sul, mas em especial adicionado pelo norte Brasil.

As particularidades equatoriais não cabem numa teoria estrangeira por completo, pois, não apenas de fora, todavia, oriunda de país neocolonizador da América Latina, os Estados Unidos, ainda que tente ao máximo ser inclusiva, não serão, pois há mistérios próprios da Amazônia.

Por exemplo, o termo travesti é uma identidade feminina latino-americana e não pode ser higienizada pelos termos transgêneros e transexuais, muito presente em cenário estadunidense, de onde é a Teoria *Queer* ecoa.

Nesse processo de atrevimento, o termo curupirinha nascido entre as cidades de Capanema e Bragança, dialoga com outras partes da Amazônia, como Cametá – município localizado na região do Baixo Tocantins –, pois, nesse sentido a realidade cametaense está

mais próxima de Curupirinha, do que o termo *Queer*, quando remete ao conceito de estranho. Pois, o termo nasce da junção das palavras Curupira e Piranha, como afirmam novamente os autores Sena & Borges (2021, p. 17):

Neologismo que une a palavra curupira e piranha. Curupira, palavra de origem tupi, se refere a um ser mítico da floresta, protetor das matas e que tem os pés virados para trás. E piranha é uma metáfora para pessoas que tem uma vida sexual livre, desprendida de valores monogâmicos.

Para os autores que construíram este termo, o mesmo tem o sentido de deboche epistemológico à Teoria *Queer*. Questão pontual também assumida na produção desta pesquisa, quando olha para vivência de Cardoso, para *Inajacy*, um dos protagonistas do livro *Olho de Boto*, que veste roupas ditas feminina e, quando se lê a letra da canção intitulada Curupirinha, de Mc Pokaroupas, que se agenciam entre si. Como explicitado no trecho abaixo:

Eles não tão entendo 2x
se sou homem ou mulher,
o que diabo que tu é? 2x
Curupirinha, curupirinha, curupirinha, curupirinha
A viada da Amazônia
(POKAROUPAS, p. 01, 2021).

O olhar Curupirinha é processo dictério incitado por Mc Pokaroupas para discutir as dissidências de gênero e sexualidade em terras equatoriais, onde não se vivencia as estações do ano definidas pelos europeus, mas pelas frequentes chuvas que inundam os corpos dissidentes que lutam pela sobrevivência, pois a heteronormatividade não afeta apenas as Curupirinhas, mas todos em geral, incluindo heterossexuais que destoam da norma de gênero.

Figura 01 - Imagem de divulgação da música



Fonte: <https://i.scdn.co/image/ab67616d00001e02f0188265a200df4ac13576e8>, 2021.

Literatura *Queer*

“A vida imita a arte”, frase de renomado escritor, Oscar Wilde ao inverter o que fora dito por Aristóteles, “a arte imita a vida”. A Literatura dentre as artes consideradas clássicas

– Música, Dança, Pintura, Escultura, Teatro, Cinema –, também apresenta várias segmentações e tendências.

Neste estudo, se abordou a obra literária *Olho de Boto*, do escritor cametaense, Salomão Laredo, obra que reporta a situações vividas por um casal homoafetivo na segunda metade do século XX na sociedade cametaense.

Assim, o panorama de tramas sexuais homoafetivas dissidentes encontram sua categorização na Literatura *Queer*; uma literatura marginal que busca transpor os muros que limitam sua produção, distribuição e circulação. Viés literário que apenas no decorrer do século XX seu consumo passou a não ser proibido na maioria dos países Ocidentais.

A Literatura *Queer*, fazendo o uso deste termo neste trabalho, é algo muito recente, criada no final do século XX, contudo, existem produções desde a antiguidade que poderiam assim ser classificadas. No século IV a. C., a poetisa grega Safo de Lesbos²³ dedicava suas poesias às suas amantes com as quais mantinha relações.

A segunda metade do século XX demarca a passagem de quando pessoas dissidentes começam a sair do campo da invisibilidade e deixam registros escritos, produzindo sua própria arte de existir e resistir à heteronormatividade.

O mundo presenciou um submundo ir além daquilo a que fora colocado, a sociedade tradicional conservadora percebeu que tinha algo que sufocava, embora não tivesse mais como controlar. Porém, algumas obras do início do século sofreram mais censura ou foram descartadas por seu teor sexual e por não estarem alinhadas aos moldes tradicionais da época.

A autora Judith Butler, no campo filosófico, é referência nos estudos de gênero e sexualidade. Seus trabalhos que abordam esta temática visam desconstruir o discurso imposto pela heteronormatividade. A autora estadunidense arremessa sua escrita contra o que vem sendo imposto há séculos. Como bem, enfatiza a autora, no mundo da linguagem, o corpo é objeto muito presente. Em suas próprias Butler (2003, p.40) afirma:

A noção de que o sexo aparece na linguagem hegemônica como *substância*, ou, falando metafisicamente, como ser idêntico a si mesmo, é central para cada uma dessas concepções. Essa aparência se realiza mediante um truque performativo da linguagem e/ou do discurso, que oculta o fato de que “ser” um sexo ou um gênero é fundamentalmente impossível.

²³Safo de Lesbos, poetisa do VII a.C., suas poesias abarcavam uma veia amorosa homoafetiva. Safo é considerada umas das maiores poetisas da antiguidade grega. Safo tinha uma escola voltada para moças de famílias abastadas. Nessa escola, além de ensinar coisas do lar e do casamento, as garotas aprendiam música e poesia. Safo não se enquadraria no modelo binário de sexualidade (homo/heterossexual), sua sexualidade era fluida, umas das lendas difundidas sobre sua morte foi um amor por rapaz não correspondido, jogando-se ao mar Egeu como afirmam os autores Thomas Bulfinch; David Jardim (2015).

Este estudo, em seu modo operante de linguagem, acordando com o que é defendido por Judith Butler, ratifica como o termo *Queer* põe em xeque a ideia estática de sexo ou gênero. Curupirinha, então, espraia-se como uma categoria em que se condiz também pensar sobre o tipo de escrita que se está produzindo no mundo.

Logo, com este estudo, também, está se mapeando escrituras que remetam não somente ao campo da conveniência heterossexual, mas a tudo o que vem sendo construído e instituído como gênero. Portanto, a escrita se manifestou como campo onde se condiciona e oculta o gênero.

Deve-se aspirar que a forma de representar as minorias passa por mudanças, inicialmente nos anos 70 e 80, se usava o termo GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes) e no final da década de 90 surgiu a sigla LGBT. Os discursos assim colocados, explícitos na criação de siglas representativas, não condizem apenas a área social, política e jurídica, mas também no campo literário, tendo de se optar pela dominação Literatura *Queer*. Ressaltando que, nas últimas décadas, houve um interesse na comercialização de obras que tenham esta temática *Queer* na sua composição.

No âmbito da Amazônia paraense, a obra *Olho de Boto*, de 2015, inspirada em um episódio ocorrido no município de Cametá, apresenta personagens dissidentes, em trama em que o autor utiliza várias histórias contadas uma dentro das outras, deixando sua escrita não muito fácil de acompanhar, porém, instiga o leitor a segui-la.

Ininterruptamente, a obra transcende as linhas do livro e demonstra o cotidiano, revelando quase uma cena fiel do vivido. Paradoxalmente, também influencia as pessoas, pois, o indivíduo não está numa sociedade da qual nunca sofre influência e dela cria suas formas de se manifestar.

A Literatura ficcional de Olho de Boto

À vigência de modelo heteronormativo nos espaços escolares, apresento o livro *Olho de Boto*, juntamente, neste estudo em agenciamento, com dois episódios de violência, sobre suporte dos estudos *Queer*, mas tensionado para um olhar questionador que agita as discussões sobre gênero e sexualidade a partir do termo Curupirinha.

O Primeiro passo é visitar o romance, em que as primeiras páginas aludem uma notícia de um jornal:

Diretor: Clovis Maranhão

Gerente: João Maranhão

Belém/Pará - Quinta-Feira 28 de dezembro de 1967

Dois Homens se Casam, em Cametá

Num povoado distante cerca de 11 quilômetros da cidade de Cametá, consorciaram-se, domingo último dia 24 do corrente, dois homens. Um deles, segundo soubemos,

era “encantado” e somente se casando com o homem que gostasse é que quebraria o “encanto”, voltando a ser uma mulher. (LAREDO, 2015, p.4).

Figura 02 – Casal Homoafetivo de Inacha: Inajá e Inajacy



Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1900807989991321&set=a.536162396455894.1073741825.100001864141989&type=3&theater>, 1967.

A imagem acima (figura 2), juntamente com a notícia expressa no livro, mostra dois homens casados e a sociedade daquela época, presa no regime da Ditadura Civil-Militar (1964-1985), presencia o fenômeno que nenhuma sociedade daquele período estaria por assistir. Inspirado em fatos da história de Cametá, o escritor e jornalista Salomão Laredo, escreve uma obra ficcional sobre o casamento entre dois homens.

Na obra, o autor faz vários recortes de muitos personagens relatados como moradores do vilarejo de Inacha e de Cametá, além de personagens observadores de fora, o cosmonauta russo Yur Gagarino, como leitor, analisando aquela situação e outras narrativas coadjuvantes.

Contudo, a trama gira em torno de um casamento inusitado que desperta fruição de todas as maneiras na população local, desde curiosidade quanto raiva e repulsa. Na trama, outros personagens estão a relatar suas convivências, sua forma peculiar de viver amazônida. Consequentemente, o autor enriquece seu texto com expressões e regionalismos da Região do Baixo Tocantins²⁴ no vocabulário.

Os protagonistas, como casal interiorano, deitados, desfrutavam da companhia um do outro como qualquer outro casal, perante a heteronormatividade. Um trecho da obra deixa explícita essa relação: “Manhosamente naquele dia chuvoso e nublado, Inajá e Inajacy fumavam um porronca fedorento com umas ervas que se alastravam nos roçados, na remendada rede que servia de ninho de amor” (LAREDO, 2015, p. 49).

²⁴ Microrregião de Cametá, também conhecida como Baixo Tocantins, formada pelos municípios de Abaetetuba, Baião, Cametá, Igarapé-Miri, Limoeiro do Ajuru e Mocajuba. É uma divisão secundária do estado do Pará, pois a microrregião está inserida em outra divisão primária que é mesorregião do nordeste paraense que também tem outras microrregiões.

Outro trecho que continua a moldar a imagem de um casal que não se diferencia de um homem e uma mulher cisgêneros, quando o autor abusa do cenário peculiar do encantamento das águas “Inajacy e Inajá ficavam horas e horas no igarapé a calma, o silêncio, a água e o cheiro das folhagens. Cantavam-se, acariciavam-se, olhavam-se, beijavam-se e se amavam” (LAREDO, 2015, p.125).

Com desejo de consumir sua união, os dois homens não ficaram conformados com aquela sociedade em que homem e mulher podiam celebrar seu amor pelo casamento e eles não. Não se sentiram acuados em celebrar o seu casamento e os amantes Inajá e Inajacy usaram um pajé (versão literária), como sacerdote para a celebração, e Inajacy valeu-se da paródia de gênero para casar-se com seu amado e utilizou um vestido de noiva.

Os dois amantes se entrelaçam no mais puro amor, no entanto, uma dura *via crucis* seria instaurada em sua união, recheada de recalque e repulsa daquela dita sociedade conservadora cametaense. Dentro do livro, a Onça do Cordão da Bicharada, cochicha ao ouvido da mãe de Inajacy:

- Te acalma, minha mana, aguenta as pontas, este pequeno será causa da queda de muita gente e de muitas mudanças pelas quais o mundo vai precisar passar para que o homem se entenda e se respeite, trate a si e aos outros, principalmente a mulher, com respeito e admiração. Ele é sinal de contradição. Um facão amolado, grande e pesado, vai atravessar teu corpo e tua alma e desse um também. Através dele tudo será revelado. Te segura! (LAREDO, 2015, p. 69).

O consolo de uma mãe ao ver seu filho ser exposto como epicentro das contradições de uma sociedade, como na época de Cristo na mensagem de amor, foi condenado a sofrer retaliações numa *Via Crucis* até o seu momento final, quando o nazareno é sepultado na 14ª estação.

A intertextualidade com o texto bíblico coloca os protagonistas desta vereda, a qual se chama *Via, Cruzes*, contendo as 15 estações em que a noiva, Inajacy, sofre humilhações como um bode expiatório das hipocrisias daquela sociedade. As semelhanças com o texto bíblico são propositais ao fato de, nas primeiras páginas, remeterem às relações de Jesus Cristo e Pôncio Pilatos, o qual se isenta de condenar Jesus à execução. Como o trecho da obra demonstra:

E, como se houvesse novo início de tumulto, Ponciano pediu para trazer água do rio, no balde de cuia e um alguidar de barro, e lavou as mãos diante da turba. E disse: *Não sou responsável pelo sangue deste que se diz homem, digo, mulher. A responsabilidade é de vocês!* A turba respondeu: *Deixe por nossa conta! Não esquentar a cabeça!* Então Ponciano soltou Bacabas que mofava no cercado, cismado de andar com sua mulher, e mandou dar uma pisa no acusado. A turba exigia ao crime castigo (LAREDO, 2015, p.16).

Inajacy performou um gênero que não lhe era atribuído, é um sacrilégio para Cametá. A foto do casal foi demonstrada anteriormente. Inajacy, a noiva, carrega uma coroa que remete à coroa de espinhos de Cristo ou uma princesa, fica a gosto do leitor. De modo que a noiva

era como um Jesus amazônida de questionamento da originalidade dos papéis de gênero e expressão de sua sexualidade.

Após a confirmação do que a noiva estava parodiando – o gênero que a sociedade impõe a todos, subvertendo os valores estabelecidos pelos brancos naquela sociedade (amazônica) – foi posta a sua crucificação.

Primeiramente, a noiva foi levada pelo caminho ao hospital para ser examinada, constatando que não era uma mulher cisgênera, foi escoraçada, arrancado quase todo seu vestido, seminua Inajacy era na linguagem do povo cametaense “avacalhada” pelos conterrâneos lhe jogavam tomate, abacaxi, açaí azedo e bucho de mapará, enquanto caminhava para delegacia. Se não fosse por intermédio de Antonia Cu de Facho, uma prostituta de influência, o rechaço público que ocorreria naquela delegacia cametaense seria pior, como relata o livro:

Do correspondente e enviado especial - A ativista Antonia Cu de Facho e dona do bordel denominado Vila Japiim não sossegou enquanto não envolveu um rábula que conseguiu soltar os noivos. Antonia levou os noivos para a Vila e lá estava preparado um senhor banquete (LAREDO, 2015, p. 197, GRIFO DO AUTOR).

Mas, muitos daquela sociedade queriam acabar com a festa do casamento daqueles dois homens, celebrado em Inacha por um pajé, e, por infortúnio do destino, pararam no meio daquele calvário, no meio da cidade do Baixo Tocantins. Contanto, Antonia Cu de Facho usou sua influência e os noivos puderam celebrar seu amor numa pomposa festa de casamento em seu bordel, como mostra a obra:

Antonia Cu de Facho, incorporando Sibele Mendes de Amor e Luta, resolveu comemorar o casamento em que quebrava a crista daquela sociedade. Suas meninas da Vila Japiim fizeram bolo de metro em toda a extensão da rua Jeremias Rodrigues. A polícia melou a festa e encheu o xadrez de gente, mas teve que imediatamente soltar todos porque Antonia começou a contar os podres de cada membro do Politburo, ou seja, dos pica-grossas, manda-chuvas, autoridades civis, militares, eclesiásticas, políticas, médicas, policiais, etc. (LAREDO, 2015, p. 269).

Na narrativa do livro, a celebração do amor de Inajá e Inajacy vencem preconceitos naquela sociedade cheia de paradigmas conservadores da década de 60. As pessoas nascidas nestas margens do Baixo Tocantins vivenciam um período de incertezas políticas de uma sociedade marcada por ditames e hipocrisia nos seus costumes sexuais, embora seja uma terra onde sagrado e profano, mais profano do que sagrado, andem de mãos dadas.

Experiência de violência em espaço escolar

Os entrelaces entre a teoria *Queer*, Dictério Curupirinha e Literatura Cametaense permitem dialogar para um processo educativo que esteja para além do modelo da

heteronormatividade, os quais nos espaços escolares o corpo é decalcado a todo momento e pequenas violências são aplicadas aos corpos curupiranhizados, corpos dissidentes estigmatizados desde momento que entram no espaço escolar.

Refletindo sobre o seu corpo dissidente o peruando Giancarlo Cornejo inserido e traduzido por Miskolci (2012) “o menino afeminado é um segredo nas vozes e pensamentos gays, e isso, pelos motivos apontados por Sedgwick, talvez, se deva a um terror à indeterminação de gênero” (CORNEJO, *apud* MISKOLCI, 2015, p. 70). Ele vive um processo de perseguição escolar por ser homem efeminado ou afeminado que desterritorializava as concepções de gênero. O próprio Miskolci (2012) traz inquietações acerca daquele mundo que dava “coordenadas” de como ser homem ou mulher.

Ainda recordo como, ao acordar, colocava meu uniforme e seguia para a escola. Era o final da década de 1970, e vivíamos sob a presidência do general Figueiredo, a última do regime militar. No pátio, tínhamos que formar filas: duas para cada sala de aula, uma de meninos e outra de meninas. Começavam aí as “brincadeiras”, nas quais os meninos mais robustos empurravam os mais frágeis para a fila feminina, espaço desqualificado em si mesmo. Só sossegavam diante do sinal para o hasteamento da bandeira cantando o Hino Nacional (MISKOLCI, 2012, p. 09).

Primeiro episódio de violência

Em 2002, Cardoso, aos 05 anos, mudou para a comunidade ribeirinha Guajará de Baixo e, depois residiu na Vila de Porto Grande, ambas no município de Cametá, mundo amazônico com grandes conexões com o modelo heterocêntrico, porém, não diferente da periferia de Belém. Quando retorna a Belém em 2005 e retorna em 2007 para residir na Vila de Porto Grande, sofre um episódio violento não só entre colegas, mas também na comunidade escolar.

No primeiro dia de aula, com 10 anos, segui para fila do lanche e, em poucos minutos, merendeiras, as pessoas do serviço geral de limpeza com risos, deboche e olhares repugnantes e violentos. Os meninos olhavam zombando, humilhando e proferindo palavras de baixo-calão. Inicialmente, suspeitou que não era para ele, mas logo viu que algumas meninas olhavam desprezo “quem ousa entrar na fila das mulheres”. Logo, sob essa violência, ele havia cometido um “erro” de fila que custou perseguição por tal ato.

Com intuito de fugir da violência imbricada naquele momento, correu às pressas para dita fila de homens. Vale ressaltar que as palavras usadas têm conotações diferentes, enquanto poderiam falar masculino ou feminino, naquela situação utilizou o termo homem, ou mulher, pois reforça a Cisgeneridade e heteronormatividade.

Diferentemente de Cornejo, ele escondia sua expressão de gênero. Este episódio violento, entre vários outros, foi significativo, pois seria primeiro dentre outros que outras crianças LGBTQIANP+ também vivenciaram.

Aterrorizado buscou mecanismo para que outros fossem evitados, mas a partir daquele momento, mentalmente criou uma ansiedade do gênero, dentro do espaço escolar se preocupava a todo tempo como deveria se portar, onde não encontra semelhantes para dividir as angústias de uma criança viada, preocupado com binarismo de gênero. Logo, a sociedade presume que há um gênero verdadeiro (Cisgeneridade) e outro falso (curupiranheridade), sobre o assunto Butler (2003, p. 195) afirma:

Em outras palavras, os atos e gestos, os desejos articulados e postos em ato criam a ilusão de um núcleo interno e organizador do gênero, ilusão mantida discursivamente com o propósito de regular a sexualidade nos termos da estrutura obrigatória da heterossexualidade reprodutora [...]. Se a verdade interna do gênero é uma fabricação, e se o gênero verdadeiro é uma fantasia instituída e inscrita sobre a superfície dos corpos, então parece que os gêneros não podem ser nem verdadeiro nem falso, mas somente produzidos como efeitos da verdade de um discurso sobre a identidade primária e estável.

Naquela experiência de menino, Cardoso, as normas da heterossexualidade atreladas ao modelo cisgênero foram postas como absolutas. Onde, não por acaso, ele ouvia a seguinte frase: “Homem ou gay!”. O qual, o primeiro, era tido como ser humano e o segundo como ser inferior, não era homem. Tudo isso ocorrendo em espaço escolar.

Segundo episódio de violência

Outro episódio, mais violento, ocorreu ainda no Ensino Básico, em especial no 2º ano do Ensino Médio, em 2014, na disciplina de Sociologia, ele estava apresentando Seminário sobre Movimento LGBTQIANP+. Um aluno maior de idade em certo momento produziu discurso “Quanto mata mais um (gay), nasce mais!”. Naquele instante, o pânico lhe instaurou, o medo da morte. Não era o Brasil de 1967 do casamento de Inacha e muito menos os fins dos anos 70 de Miskolci.

Esta frase naturalizada naquele espaço faz conexão com o fato do Brasil ser o país que mais mata pessoas LGBT. Como afirma o site Grupo Gay da Bahia (S/D), que faz mapeamento dos números de casos de homofobia no país: foram mortas 273 pessoas pertencentes a população LGBT, em 2022, dado que não pode ser ignorado, quanto aos crimes caracterizados como LGBTfobia.

Queerfobia, Educação e Literatura

A obra *Olho de Boto* traz reflexão acerca das linhas transgressivas com a criminalização da homofobia em alguns países no mundo. Acredita-se que o livro ao ser

inserido em sala de aula pode suscitar inquietações e acrescentar debates positivos para o desenvolvimento intelectual e combate aos preconceitos de gênero e sexualidade.

Um dos debates evidentes levantados na obra de Salomão Laredo, *Olho de Boto*, é, justamente, quanto a homofobia²⁵, quando relata no município de Cametá dos anos 60, a morte de várias homossexuais e a polícia que manifestava pouco interesse em investigar a origem e responsabilidade dos assassinatos brutais.

Do mesmo modo aconteceu o homicídio de um veado no Juaba, com garrafa aplicada no ânus. Coisa do CCCH – Comissão de Caça aos Cus, digo aos homossexuais. Outros corpos foram encontrados em diversos pontos da região, mesmo dia, hora e *modus operandi*. Todos com um corpo estranho no ânus. Ia desde macaxeira, banana comprida verde, preparados de acapu e similares (LAREDO, 2015, p. 116).

O primeiro grupo de luta em defesa dos direitos de pessoas dissidentes, segundo o site brasileiro intitulado Memórias da Ditadura (S/D), foi um grupo holandês em meados dos anos de 1940, cujo objetivo era promover a tolerância. Chamava-se COC - Centro de Cultura e Recreação. Nos anos 50 e 60, países da Europa, Canadá e EUA começaram suas primeiras organizações.

No Brasil, com o golpe cívico-militar de 1964 e, a restrição aos direitos de reunião, tornaram-se ilegais esses movimentos sociais que se opusessem ao governo ditatorial e que fizessem qualquer menção aos direitos humanos, pois eram acusados de comunistas e seres desviantes dos valores morais vigentes, passíveis de sofrer violência, por parte do governo (ROCHA, 2018).

Em São Paulo, por exemplo, sob a coordenação do delegado José Wilson Richetti, a política promovia ataques fortes e repressão tanto aos homossexuais (as pessoas *queer*/Curupirinhas eram todas chamadas de homossexuais) quanto às prostitutas.

A obra de Laredo faz uma tessitura social com a imagem de um espelho de linguagem filosófica sobre os CCCH – Comissão de Caça aos Cus, e o autor se corrige propositalmente para homossexuais. Deixa explícito que essa caça é contra os homossexuais masculinos. Mas esses homens são homens gays passivos.

Devido a uma estrutura social machista em que mulheres são estigmatizadas por sua posição “inferior” no sexo, com simbologia da posição “elevada” do homem, esse pensamento da sociedade machista heterossexual é reproduzido com relação aos homossexuais. Segundo o autor, existia uma liga das senhoras que regulamentava a moral heteronormativa da cidade:

²⁵ Usaremos a homofobia nesta seção como sinônimo também de *Queer*fobia ou Curupirinhafobia.

Ligas das Senhoras ajustava umas providências. Vamos dizer que estavam chateadas, que é o nome mais brando e respeito que se pode dar ou chamar pra aquele estado de espírito dessas madames, vamos denominar de revolta que se pode dar, respeitosamente, àquela angústia que viviam e sentiam diante do que chamavam de imundo, para elas, a imunda, a intensa e crescente pederastia, grassando direta. Na vera, essas senhoras da liga estavam mesmo era emputecidas, termo mais apropriado, termo mais apropriado, para não dizer que o certo seria chamar, encaralhadas ou talvez embocetadas de tão revoltadas com tudo que estava acontecendo naquela lonjura. Onde já se viu dar trela pra dois efeminados que já vivem na maior sem-vergonhice e agora resolvem que querem casar. Casar? Isso é termo que se aplique? Casar, casam um homem e uma mulher que se amam, que se preparam, que querem constituir e construir uma família, e agora essa... (LAREDO, 2015, p. 28).

A comissão CCCH era uma não comissão. No contexto literário, a polícia, então, não investigava os crimes homofóbicos e bem menos protegia as pessoas suscetíveis a este tipo de violência. Não é muito diferente dos dias atuais em que a sociedade ainda fecha os olhos para tal prática, a exemplo crítico, o Brasil sendo o país mais violento em questões a pessoas LGBTQIAPN +.

Ignorar e ser cúmplice dessa violência presente em vários lugares, como na escola, a exemplo, dos relatos de Cardoso não deve ser uma atitude aceita socialmente, mediante a brutalidade e inúmeras vidas ceifadas.

Apresentar a obra de *Olho de Boto* (2015), em espaços educacionais, incita tocar em assunto delicado, em uma literatura para além de apreciação estética, que também promova reflexão em ambiente escolar. Criar na fissura nos silêncios da comunidade escolar e não reprimir as pessoas em suas manifestações de ser, viver e querer, como foi feito com o casal de Inacha.

No Brasil, a repressão policial era forte durante a ditadura militar. Não é por acaso que, há quase nenhum relato do casal de Inacha de fácil acesso após eles serem levados a Belém para averiguar o suposto casamento de dois efeminados.

Apenas no final da década de 70 que se cria o primeiro grupo de organização dos homossexuais, “Somos” em 1978. Logo no outro ano ocorre o primeiro encontro para debater ações para a comunidade GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes).

Como educadores, a denunciar que as práticas de *Queerfobia* atravessam nosso espaço, episódio literário e realidade se agenciam entre si e questionam a prática educativa, em especial a literária, neste caso, quais ideologias e teorias nos orientam, como afirma Louro (1997, p. 64).

É indispensável questionar não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e que sentidos nossos/as alunos/as dão ao que aprendem. Atrevidamente é preciso, também, problematizar as teorias que orientam nosso trabalho (incluindo, aqui, até mesmo aquelas teorias consideradas “críticas”). Temos de estar atentas/os, sobretudo, para nossa linguagem, procurando perceber o sexismo, o racismo e o etnocentrismo que ela frequentemente carrega e institui.

Logo aquele casal dissidente após a descoberta, sofre penalidades, sobre muito ódio é julgado como Cristo, tanto que a narrativa começa com Ponciano (Pôncio Pilatos) lavando a mão, num ato de não julgar aquela pessoa se era ou não homem ou mulher “como houvesse novo início de tumulto, Ponciano pediu para trazer água do rio, no balde de cuia e um algar de barro, e lavou as mãos diante da turba” (LAREDO, 2015, p. 16).

Inajacy, como um mártir, é julgado por aquela sociedade cametaense que é capaz de tudo para silenciar aquela forma de comportamento dito desviante. A cidade tornou-se o lugar mais inóspito para aquele casal de meninos que queriam celebrar seu amor.

A moral e os bons costumes cristãos eram prerrogativas para aqueles dois que fossem castigados como Cristo. A conduta do casal permitia toda forma de julgamento e forma de xingamento. Não havia protestos, pois, o silenciamento havia sido imposto no Baixo Tocantins, o silenciamento de vozes dissidentes. Contudo, a realidade nos exige que, como educadores, devemos romper este silêncio e usar ferramentas para discutir todo tipo de assunto.

Caminhamos, assim, lentamente para assegurar os direitos das pessoas LGBTQIAPN+ no Brasil, mas, entre as boas contradições, numa posição de privilégios, entre 30 nações que reconhecem o casamento entre corpos dissidentes, porém, sob risco de ser revogado. Todavia, não se deve fechar os olhos à realidade brasileira, sendo o país que mais mata transexuais no mundo. Como mencionado antes, a chances de mulher da sigla “T” ser violentada e morta é 17 vezes maior do que um homem homossexual.

Não existe em nosso país uma lei específica para criminalização da homofobia que venha de fato a combater. Alguns pontos como, por exemplo, ainda são proibidos no Brasil, de doarem sangue, homens que mantiveram relações sexuais com outro homem, nos últimos 12 meses, esta é uma lei que vigora.

Uma forma tímida vem se debatendo e já foi reconhecida pelo Supremo Tribunal Nacional, na metade do ano de 2019, a homofobia equiparada ao racismo. Ainda que seja uma forma insuficiente de se enquadrar uma lei específica a um grupo significativo da população que sofre diversos tipos de violência. Mas, é um caminho para que finalmente exista uma lei que impeça que o Brasil continue liderando o *Ranking* dos países que mais matam LGBTQIAPN+ no mundo.

Tal processo, da criação de lei em defesa da vida e dignidade humana das pessoas LGBTQIAPN+ pode ser pensada e iniciada ainda na escola, a LGBTfobia precisa ser combatida.

A obra de Loredó pode ser debatida em sala de aula, como tema transversal e, não esteja somente atrelada a aula de Literatura. Pois essas linhas literárias podem ajudar a

repensar as formas operantes na sociedade, nos fazendo aprender o respeito mútuo, em sua amplitude, como relacionado as questões de gênero e sexualidade. Além de *Olho de Boto* (2015), existem diversas obras que podem contribuir pelas dissidências escritas à luz da pluralidade de pensamentos.

Conclusão

A obra *Olho de Boto* (2015) e o *Dictério Curupirinha* conduzem a repensar nossas práticas escolares, em relação ao tipo de obra literária que está sendo oferecido a nossos alunos e, disponibilizadas aos professores. Há diversas obras no mercado que estimulam a aprendizagem e discussão de diversas temáticas, conforme a faixa etária dos estudantes, logo, o professor deve escolher o que melhor se adequaria. Linhas literárias transgressivas, são uma das alternativas para a construção reflexiva que abraça pessoas Curupirinhas sem julgá-las.

Quando se realiza uma pesquisa cartográfica na perspectiva de pesquisador-interventor, como nas linhas em que Cardoso narra dois episódios violentos contra sua sexualidade e gênero em espaço escolar, bem como, os relatos dos autores Miskolci e Cornejo, situações que assemelham que às descritas no livro *Olho de Boto*, o que se pretende é debater as formas de violência sofridas pelas pessoas LGBTQIAPN+ e, utilizar a Literatura, uma de autor amazônida, para (re)pensar as práticas educativas de combate a LGBTfobia a partir de uma crítica insurgente, a qual não compactua com modelo perpetuado.

A Literatura pode auxiliar a repensar como podemos construir uma nação ou microrrevolução em Cametá e, em outros lugares, promovendo fissuras em espaços heteronormativos e como combater a Curupirinhafobia existente ainda nesses lugares. A Literatura permite naturalizar sujeitos dissidentes que sempre estiveram presentes em nossa sociedade. Repensamos como queremos nossa sociedade com mortes ou vida para essas pessoas.

Deveremos curupiranhizar nossa sociedade e construir espaços de respeito e formação de cidadãos que aprendam na Literatura a diferença e, consigam conviver em harmonia em sociedade.

Referências

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão de identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

- CORNEJO, Giancarlo. **A Guerra declarada contra o menino afeminado**. In: MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: Um aprendizado pelas Diferenças*. Belo horizonte. Autêntica, 2012.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- FERREIRA, Vinícius. SACRAMENTO, Igor. Movimento LGBT no Brasil: violências, memórias e lutas. **Reciis**. Vol.13, 234-239, abr./jun., 2019.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 17ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- LAREDO, Salomão. **Olho de Boto**. São Paulo. Empíreo. 2015.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 6ª ed. Petrópolis. Vozes, 1997.
- LGBT. Disponível em: <<http://memoriasdaditadura.org.br/lgbt/>>. Acesso em 14 de Nov. de 2023.
- _____. **Um Corpo Estranho – ensaios sobre a sexualidade teoria Queer**. Belo Horizonte. Autêntica, 2004.
- MACRAE, Edward. **A Construção da igualdade: Política e identidade homossexual no Brasil da “abertura”**. Salvador. Edufba, 2018.
- MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: Um aprendizado pelas Diferenças*. Belo horizonte. Autêntica, 2012.
- MORTES E VIOLÊNCIAS CONTRA LGBTI NO BRASIL**. Disponível em: <<https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/wp-content/uploads/2023/05/Dossie-de-Mortes-e-Violencias-Contra-LGBTI-no-Brasil-2022-ACONTECE-ANTRA-ABGLT.pdf>> Acesso em 21 de out. de 2023.
- MOTT, Luiz. Relações entre Homossexuais no Brasil Colônia. **Revista de Antropologia**, São Paulo, vol. 35, 169-190. 1990.
- NEVES, Regiane Farias. **TRAMAS DA SEXUALIDADE EM ANTÔNIA CUDEFACHO: Educação, micropolíticas e resistências**. 2018. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura). UFPA. Cametá.
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre, Sulina, 2009.
- POKARROUPAS, MC. Curupinha. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PoGVYeZYNC0>>. Acesso em 02/11/2022.
- ROCHA, Ana Lília Carvalho. **Do Corpo Torturador ao Corpo Torturado: Representações da Máquina Ditatorial na Literatura Brasileira**.
- SENA, José; BORGES, Everson. **Curupiranha, a viada da Amazônia**. Fotocronografias: Imagem, diversidade sexual e de gênero, decolonialidade: olhares "de fora do eixo. Medium, Porto Alegre - RS, vol. 07, n. 15, p. 12-28, 2021.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso: A homossexualidade no Brasil, da Colônia a atualidade**. 4ª ed. São Paulo. Objetiva, 2018.

SOBRE OS AUTORES

Luiz Ramiro Cruz Cardoso

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação Cultura - PPGEDUC (UFPA) Campus Universitário do Tocantins/Cametá, Bolsista Capes. Graduado em Letras - Língua Inglesa e graduando em Letras - Língua Portuguesa, ambas pela UFPA. Pesquisa Gênero e Sexualidade, memória e Literatura Amazônica. Participante do grupo de pesquisa ANARKHOS - Filosofia da Diferença, Corpo, Arte e Literatura em Educação do CNPq.

E-mail: luizcardoso1997@gmail.com

Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-6903-1644>

Gilcilene Dias da Costa

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEDU/UFRGS). Professora Associado nível 2 da classe D da Universidade Federal do Pará/Campus Universitário do Tocantins/Cametá, vinculada à Faculdade de Linguagem. É Líder do Grupo de Pesquisa ANARKHOS - Micropolíticas, Arte-Performance e Experimentações Literárias na Educação (Diretório do CNPq). Coordena, orienta e desenvolve pesquisas nas seguintes áreas: Filosofia da Diferença e Educação, Filosofia da Linguagem e Educação, Cartografias Literárias e Artísticas na pesquisa em educação e letras, Estudos Feministas, Gênero-Sexualidade-Teoria Queer. Coordena o Projeto de Pesquisa “O livro-rizoma e a máquina literária: devires do corpo político feminino nas artes de escrever-educar” (PROPESP/UFPA).

E-mail: gilcilene@ufpa.br / costagilcilene@gmail.com

Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-7156-5610>

Recebido: 22/08/2023

Aprovado: 09/11/2023